

# **As formas do sistema verbal do português: instrumentos para uma descrição e sistematização do seu funcionamento em discurso**

*Ana Paula Loureiro*  
Universidade de Coimbra

## **1. Objecto e objectivo da comunicação**

Esta comunicação tem como objectivo apresentar muito resumidamente alguns dos resultados de um trabalho<sup>1</sup>, que é parte de uma investigação mais alargada e ainda em curso, cujo objecto de estudo é o sistema verbal do português e que visa, através de um método essencialmente descritivo e estatístico, a sistematização do comportamento das formas do sistema verbal no discurso.

## **2. Resumo do trabalho: princípios de orientação e algumas hipóteses**

Como ponto de partida, começamos por enunciar, de modo breve e sintético, alguns dos princípios e hipóteses fundamentais que estiveram na origem do trabalho em questão:

i) Em primeiro lugar, esteve a ideia do comportamento sistémico – não isolado –, dinâmico e económico das formas do sistema verbal.

ii) Partimos também da convicção de que as formas que compõem este sistema não apresentam todas o mesmo peso, a mesma força quer no funcionamento interno do sistema quer, conseqüentemente, na sua actualização. O valor de cada forma, ou seja, o papel que lhe cabe no sistema decorre basicamente do seu significado – que será diferenciado –, mas associados a este factor haverá que ter em conta, genericamente, entre outros aspectos, o grau de importância que esse significado tem em termos comunicativos, o seu grau de complexidade semântico-sintáctica, que poderá condicionar a sua utilização em determinados registos de língua, e ainda o seu grau de exclusividade semântica relativamente a outras formas do mesmo sistema.

---

<sup>1</sup> Os dados aqui apresentados são um resumo da dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa que apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1997 e que se intitula: *Os «tempos simples do indicativo» nos discursos directo e indirecto livre n'O Primo Bazilio de Eça de Queirós.*

iii) Acreditámos também que a organização semântica e sintáctica do sistema verbal do português e a identidade das formas que o constituem assentam basicamente em duas coordenadas: **R** – o *ponto de referência* – e **P** – a *perspectiva* –; ancoragem, por um lado, e orientação, por outro<sup>2</sup>.

**R** é uma coordenada basicamente enunciativa (passando depois a sintáctico – contextual, em diferentes graus); tem, portanto, a sua origem no acto enunciativo, que é um intervalo subjectivo de tempo. **P** é a relação entre **R** e o intervalo do facto enunciado e assenta fundamentalmente nas noções conhecidas de “simultaneidade”, “anterioridade” e “posterioridade”.

Propomos ainda que se distingam dois tipos-base de *referência*: uma *referência deíctica, directa* (ou directamente ancorada ao *momento da enunciação zero* – **Me** ou **R0**), a que podemos também chamar *referência enunciativa zero* ou de “grau zero da enunciação” e uma *referência não deíctica, indirecta* (**R1**), que pode ser ou “de grau 1 (...) da enunciação” – correspondendo a um momento da enunciação outro (**Me1**, ...) que não o momento da enunciação zero mas com este, de algum modo, relacionado – ou não enunciativa – coincidindo com um outro qualquer *marco referencial* localizado no contexto.

iv) Partindo da existência de diferentes tipos de discurso, tendo em conta a sua configuração enunciativa e a sua complexidade sintáctica, – e pensámos concretamente nas duas formas do chamado discurso citado (discurso directo e discurso indirecto) –, prevê-se uma relação privilegiada – fundamentalmente por intermédio do factor **R** – entre, por um lado, o sistema verbal, a sua organização interna e a actualização dos seus diferentes *tempos* e, por outro, cada um desses tipos de discurso.

Procurámos, assim, confirmar a ideia generalizada de que o sistema verbal permite configurar as mesmas *perspectivas* para *marcos referenciais enunciativos* distintos, ou seja, dito de outro modo – mais concreto e comprometido –, de que o sistema verbal é constituído por dois subsistemas de base enunciativa (deíctica e não deíctica), distribuindo-se, assim, as formas – talvez de modo não exclusivo – pelos diferentes tipos de discurso.

v) Uma última ideia fundamental orientadora do trabalho prende-se com a maleabilidade característica das formas do sistema verbal no que diz respeito às configurações semântico-temporais que potenciam, facto que reserva para o contexto um papel, como veremos, fundamental.

<sup>2</sup> Cf. definição de *temporalidade lingüística* utilizada por Rojo: «La temporalidad lingüística [...] es una categoría gramatical deíctica mediante la cual se expresa la orientación de una situación, bien con respecto a un punto central (el origen), bien con respecto a otro punto que, a su vez, está directa o indirectamente orientado con respecto al origen.» (Guillermo Rojo, “Relaciones entre temporalidad y aspecto en el verbo español”, in Ignacio Bosque (ed.), *Tiempo y aspecto en español*», Madrid: Cátedra, 1990, p. 17-43, p. 25-26).

### 3. Resumo do trabalho: variáveis propostas para a descrição do comportamento das formas do sistema verbal

Procurámos, numa determinada fase do trabalho, traduzir os princípios e hipóteses genericamente enunciados numa proposta de descrição capaz de medir o comportamento das formas do sistema verbal no discurso. Essa proposta tomou a forma de um conjunto de cinco variáveis intimamente relacionadas, que passamos a apresentar:

**1ª variável:** a disponibilidade de cada forma para os diferentes tipos de discurso.

A DISPONIBILIDADE é, como o próprio nome indica, a característica que diz da possibilidade de uma determinada forma aparecer em determinado tipo de discurso e está condicionada pelo esquema de combinações R/P.

**2ª variável:** a frequência com que se actualiza essa disponibilidade.

A FREQUÊNCIA ou PRODUTIVIDADE QUANTITATIVA diz respeito ao peso percentual que cada forma apresenta na totalidade de ocorrências das formas do sistema em cada universo discursivo. Esta variável revela-nos, como veremos, um sistema desequilibrado, muito concentrado em determinadas formas, com valores que vão desde zero ocorrências a percentagens de 70 %.

**3ª variável:** a produtividade semântica, isto é, os sentidos potenciados por cada forma.

A PRODUTIVIDADE SEMÂNTICA é uma variável intimamente relacionada com a importância cada vez mais reconhecida do contexto na actualização dos valores em discurso e diz respeito à variedade de informações semânticas disponibilizadas por uma determinada forma, sendo que essa variedade, condicionada pelo contexto, pode incidir apenas na informação P, apenas em R ou simultaneamente nestas duas coordenadas do valor-base das unidades. Esta variável estará, como é óbvio, relacionada com a *frequência*: uma forma muito polissémica terá tendência a ser muito frequente.

A 4ª variável é a *dispensabilidade*, que é consequência da dinâmica económica do sistema e das relações que as formas do sistema verbal estabelecem entre si.

Há diferentes tipos de relações a configurar o funcionamento interno do sistema, sendo uma delas a (quase) total coincidência entre R e P de duas formas diferentes. E é neste caso que propomos se fale de DISPENSABILIDADE, termo que dá conta da possibilidade de uma forma ser substituída por outra, sem alteração substancial da informação temporal veiculada.

**5ª variável:** as relações de paralelismo que se estabelecem entre as actualizações das formas para situações enunciativas distintas; falamos, assim, de PARALELISMO quando encontramos a mesma orientação temporal, a mesma *perspectiva* a partir de *marcos referenciais* hierarquizados.

#### 4. Resumo do trabalho: aplicação prática das variáveis propostas (*corpus*, alguns resultados genéricos quantificáveis)

Depois de delimitadas estas variáveis, procurámos testar a sua aplicabilidade através da descrição do comportamento de uma parte do sistema verbal em certo tipo de produtos discursivos e chegámos a alguns resultados, que nos propomos apresentar de seguida.

Antes de mais, uma breve descrição do *corpus*: o *corpus* é constituído por um total de 2117 ocorrências das formas simples do indicativo em DD (discurso directo) e em DIL (discurso indirecto livre) n' *O Primo Bazilio* de Eça de Queirós. Procedemos, assim, à descrição do comportamento das formas de PR (*presente*), IMP (*pretérito imperfeito*), PRET (*pret. perfeito*), FUT (*futuro*), CONDI (*condicional*) e MQPs (*pret. mais-que-perfeito simples*). Dada a importância, no discurso, no conjunto das formas compostas, do MQPc (*pret. mais-que-perfeito composto*), tivemos também em consideração as suas ocorrências.

I. Um primeiro grupo de conclusões extraídas do tratamento dos dados diz respeito à *disponibilidade* apresentada pelas diferentes formas em cada um dos dois tipos de discurso.

Observámos que todos os *tempos* estão disponíveis e representados no DD (no caso do MQP, apenas devemos considerar a sua forma composta, na medida em que as 4 ocorrências do MQPs correspondem a expressões cristalizadas – que aparecerão intactas também em DIL).

Tendo em conta a configuração enunciativa deste tipo de discurso, há algumas informações que podemos aqui alinhar, antecipando um pouco os dados relativos a outras variáveis: em primeiro lugar, todos os *tempos* admitem uma ancoragem deíctica; alguns *tempos* só apresentam esse tipo de ancoragem (como é o caso das formas de PR e de FUT); os restantes podem apresentar, com pesos relativos diferentes, ora uma ancoragem deíctica, ora uma ancoragem não deíctica: em relação ao PRET, por exemplo, a ancoragem deíctica tem claramente mais peso do que a ancoragem não deíctica; uma outra forma, o IMP já apresenta uma ancoragem mista, de contornos algo difíceis.

Esta informação relativa à coordenada R no comportamento das diferentes formas reflectir-se-á na hierarquia de frequências que estas vão apresentar no DD. De facto, num discurso com as características do analisado, muito marcado pelo factor “oralidade”, são mais frequentes as frases e textos mais simples, menos complexos sintacticamente, menos complexos em termos de configuração temporal, sendo por isso mais frequente a ancoragem deíctica, e sendo, por isso também, mais frequentes os *tempos* em que a ancoragem deíctica tem um peso significativo.

Essa informação de R reflectir-se-á, também, na *disponibilidade* dos mesmos *tempos* no outro tipo de discurso, o DIL. Nesta forma de citação, caracterizada pelo facto de a responsabilidade enunciativa ter origem num intervalo de tempo não deíctico, reduz-se o número de formas disponíveis: o PRET e o FUT apresentam

zero ocorrências; e o PR, apesar de contabilizar algumas ocorrências, apresenta um enquadramento enunciativo de contornos muito pouco claros (a meio caminho entre DD e DIL)<sup>3</sup>. Os *tempos* que, de facto, asseguram a construção da temporalidade linguística a partir de uma configuração enunciativa indirecta são, como seria de esperar, o IMP, o MQP (simples e composto) e o CONDI.

Poderemos assim concluir pelo carácter essencialmente deíctico das três formas de PR, PRET e FUT e pelo carácter fortemente não deíctico das três formas de IMP, MQP e CONDI.

Poderemos também adiantar que no DIL três formas fazem tudo o que no DD fazem seis. Os três *tempos* agora disponíveis acumulam para R1 as configurações temporais, as *perspectivas* para que também estão disponíveis no DD com as configurações dos *tempos* ausentes no DIL. Encontramos, assim, no DD e no DIL as mesmas *perspectivas* para *pontos de referência* distintos, formalizadas – essas *perspectivas* – ora pelos mesmos *tempos*, ora por *tempos* diferentes (no caso dos *tempos* essencialmente deícticos).

II. Num segundo grupo de resultados, podemos incluir as informações relativas à *frequência* com que as formas são actualizadas nos produtos discursivos para que estão disponíveis: e os resultados não são completamente inesperados; os *tempos* descritos apresentam níveis de ocorrência muito distintos quer entre si quer se compararmos DD e DIL.

O *corpus* do DD, por exemplo, isola no topo da escala de ocorrências a forma de PR (com 75% de ocorrências) e permite-nos separar as seis formas em dois grupos: um primeiro constituído pelas formas de PR, PRET (que tem um peso de 17%) e IMP (com 6%) e um segundo grupo em que se incluem o FUT, o MQP e o CONDI, que não atingem individualmente 1% de ocorrências. Estas diferenças prendem-se com diferentes factores a que directa ou indirectamente vamos fazendo referência, de que destacamos: em 1º lugar, o já referido privilégio da ligação deíctica ao acto enunciativo, ao próprio processo da enunciação, que caracteriza determinados discursos; em 2º lugar, os diferentes graus de *produtividade semântica* das formas (como veremos já de seguida, o PR, o PRET e o IMP apresentam entre quatro e seis sentidos possíveis, enquanto o FUT, o MQP e o CONDI entre dois e quatro); em 3º lugar, e intimamente relacionado com o segundo factor, há que ter em conta o carácter mais ou menos exclusivo, mais ou menos dispensável das formas. Antecipamos alguns exemplos: na sua reconhecida maleabilidade semântica, o PR dá perfeitamente conta do sentido de “futuridade”, dispensando o recurso à forma de FUT; por seu lado, o PRET pode assumir um sentido mais complexo, não deíctico, de “passado do passado”, substituindo o MQP; esta mesma forma – o PRET –, que apresenta quatro sentidos, é, por outro lado, pouco dispen-

<sup>3</sup> A participação da forma de PR em passagens que apresentam marcas de DIL merece considerações que as limitações de tempo nos impedem de ter aqui em conta; limitamo-nos, por isso, ao simples registo da ocorrência. Para informação mais completa, poderá consultar-se a dissertação referida no início.

sável no que respeita ao núcleo duro do seu valor semântico, garantindo uma presença forte no discurso.

O *corpus* do DIL, por seu lado, apresenta-nos uma outra hierarquia de frequências: afastadas três formas (o PR, o PRET e o FUT), passa para o topo da escala o IMP, com 72% do total das ocorrências; as duas formas de MQP ganham outra vitalidade – 20 em cada 100 formas são actualizações (em partes iguais) das duas formas deste *tempo*; e o CONDI atinge os 8%.

III. Num terceiro e último grupo de informações, articularemos os dados relativos à *produtividade semântica* e às relações de *dispensabilidade* e de *paralelismo* estabelecidas entre as formas e actualizações das formas do sistema verbal.

O comportamento dos *tempos verbais* foi descrito tendo em conta a actualização das duas coordenadas R e P e considerámos fundamental o papel do contexto nessa actualização.

i. Começando pelo comportamento do PR no DD, há desde logo duas informações que convém reter: esta forma oferece uma estabilidade máxima em relação ao *marco referencial* e uma grande maleabilidade em termos de *perspectiva*. Assumindo sempre uma ancoragem deíctica, esta forma admite configurações temporais que vão desde um sentido estritamente “enunciativo temporal” até um sentido a que podemos chamar “atemporal”, passando por sentidos diversos que ora incluem o intervalo de tempo da enunciação, ultrapassando-o, ora não o incluem, projectando os factos em momentos anteriores ou posteriores. A sua reduzida especificidade em termos de P tem como contrapartida uma grande dependência contextual. Observe-se, por exemplo, que uma actualização do PR do tipo “enunciativa” exige determinadas condições contextuais: ou a presença de um verbo performativo, ou a de um verbo metadiscursivo, ou a presença de verbos do tipo *lembrar*, *recordar* combinados com a 2ª pessoa, etc.

No conjunto dos seis sentidos que o PR potencia, quatro deles (o “enunciativo”, o “actual”, o “permanente” e o “habitual”) são-lhe exclusivos no universo das formas analisadas; as outras duas configurações temporais assumidas pelo PR – o PR de “futuridade” e o PR “histórico” – não lhe são exclusivas, são antes partilhadas, essencialmente com o FUT e o PRET, respectivamente.

ii. Em relação à actualização semântica da forma de PRET, que é a segunda forma mais usada no DD, verificou-se que na maior parte das ocorrências permite configurar um intervalo de tempo retrospectivo, independentemente da proximidade e do tipo de inscrição dos factos (pontual, iterativa, durativa), justificado – esse intervalo – a partir de um *ponto de referência* R0 (Me). Verificámos também que esta forma potencia, mantendo a ancoragem ao Me, um sentido “temporal enunciativo e modal de cortesia” e um sentido “perfectivo”; finalmente, encontramos casos em que o PRET pode ancorar-se, ainda que em contexto limitado ao

domínio da frase, a um R1 (anterior ou posterior ao Me), em relação ao qual se projecta também retrospectivamente.

Globalmente, podemos afirmar que esta forma apresenta um elevado grau de exclusividade no que respeita ao núcleo duro do seu valor – a *perspectiva* “retrospectiva” a partir de um *marco referencial* deíctico. Em relação aos outros sentidos, podem estabelecer-se algumas relações de *dispensabilidade* com outras formas do sistema – veja-se o exemplo do sentido de “passado do passado”, em que alterna com o MQP.

iii. A outra forma que ocorre exclusivamente no DD é a forma de FUT. Trata-se de uma forma estável em termos de R – é uma forma deíctica, já o notámos, ancorada, portanto, a R0 – e pouco maleável em termos de P. Nas suas 10 ocorrências, registámos apenas dois sentidos: um sentido “enunciativo” associado a sentidos modais (de cortesia, delicadeza, dúvida) e um sentido de “futuridade”. Curiosamente, o primeiro apresenta mais exemplos (6 dos 10 encontrados). A reduzida *frequência* desta forma prende-se, em parte, com o elevado grau de *dispensabilidade* que apresenta quer em relação ao sentido “enunciativo modal” quer em relação àquilo que constituiria o núcleo duro do seu valor no sistema: o sentido de “futuridade”. Em relação a este, é reconhecido o privilégio que é dado em termos de actualização discursiva – fundamentalmente num tipo de discurso com características orais e mais informais – à forma de PR ou a construções perifrásticas; em relação ao sentido “enunciativo modal”, há também a possibilidade, em grande parte das ocorrências, de a simples forma de PR, associada a outros expedientes linguísticos, garantir a sua actualização.

Trata-se, portanto, de uma forma pouco funcional em termos sistémicos, na medida em que a sua *disponibilidade* se reduz a um tipo de discurso e a sua *frequência* e *produtividade* dificilmente justificam o seu lugar no sistema.

iv. No terceiro lugar da tabela de ocorrências do DD, encontra-se a forma de IMP, que, no entanto, apresenta um nível de *produtividade semântica* muito elevado, superior ao do PRET e idêntico ao do PR. Delimitámos, no conjunto das 92 ocorrências, seis sentidos, que apresentam uma grande variedade de configurações quer em termos de *marco referencial* quer em termos de *perspectiva*. Encontrámos o IMP actualizando um sentido “enunciativo” acrescido de informações modais, de cortesia fundamentalmente; encontrámos o IMP com o sentido de “futuridade”, ancorado simultaneamente a um R1 e a um R0; encontrámos ainda um IMP com sentido “hipotético” associado ao contexto de “orações condicionais”; encontrámos esta mesma forma configurando um sentido de “actualidade” ora em relação a R1 ora em relação a R1+R0; e, obviamente, registámos casos, talvez a maior parte, em que em relação ao R0 se configura um intervalo passado, terminado, que assume simultaneamente em relação a outros *marcos* contextualmente delimitados outras relações, nomeadamente relações de simultaneidade.

São estas duas últimas as actualizações discursivas mais exclusivas, que com mais legitimidade justificam o lugar do IMP no sistema verbal. Em relação aos outros sentidos, há quase sempre a possibilidade de optarmos por outra forma, sem alteração substancial da carga semântica.

O IMP é talvez uma das formas mais complexas e mais complicadas em termos de descrição teórica. Mas o seu carácter híbrido em termos *referenciais* e maleável em termos de *perspectiva* dá-lhe, como vimos, lugar de destaque no conjunto das ocorrências das formas no DIL, permitindo-lhe acumular nesta forma de citação algumas das configurações que actualiza em DD com as configurações da forma de PR no mesmo tipo de discurso – é o famoso “presente no passado”. E desenha-se aqui a primeira relação de *paralelismo* prevista nas actualizações do sistema verbal: o IMP assegura para o DIL as mesmas *perspectivas* que o PR assegura para o DD – e o paralelismo entre os níveis de *frequência* (na casa dos 70%) será disso importante indício.

Teremos, assim, uma *perspectiva* “enunciativa” de R0 e uma *perspectiva* “enunciativa” a partir de R1, teremos uma *perspectiva* “actual” de R0 e uma *perspectiva* “actual” a partir de R1, e assim por diante. Leiam-se, a título de exemplo, algumas passagens, em que, numa estrutura discursiva muitas vezes do tipo pergunta-resposta, alternam DD e DIL, alternando, assim também, PR e IMP: – *Então donde vem? Onde vem?* [DD] // *Vinha do Price. Rira muito com os palhaços.* [DIL] (48, 17-18)<sup>4</sup>; – *Estás muito bem instalada aqui – disse.* [DD] // *Não estava mal... [...]* [DIL] (68, 9-10); – *Onde está Vossa Excelência alojado, sr. Brito?* [DD] // *[...] Estava no Hotel Central.* [DIL] (110, 19-21); – *Um rapaz alto, bonito, com um ar estrangeirado. Eu conheço-o. [...]* *Você não sabe?* [DD] // *Não sabia.* [DIL] (115, 25-27).

Um outro par de exemplos servirá para confirmar o facto de o IMP assegurar o mesmo sentido de “passado não circunscrito” quer para DD quer para DIL: *Já sabia que Vossa Excelência tinha chegado...* [DD] (105, 13); *Se sabia que ele estava em Lisboa?* [DIL] (62, 8).

v. Passemos aos dados relativos à forma de **CONDI**, que apresenta, como já vimos, diferentes níveis de ocorrência em DD e em DIL. No DD tem uma participação pouco significativa: são apenas três os exemplos, actualizados em sentido “enunciativo modal de cortesia” (um) e em sentido “hipotético” (os outros dois), e em qualquer um deles é possível a presença alternativa do IMP.

No DIL, o **CONDI** ganha outra vitalidade e assegura para R1 os mesmos sentidos (“hipotético” e “enunciativo-modal de cortesia”) que vemos em DD para R0 e acrescenta-lhes dois outros sentidos: uma configuração “enunciativo-modal de dúvida”, por um lado, e a *perspectiva* de “futuridade” ancorada a R1 (Me1), por outro. Mantém-se o elevado grau de *dispensabilidade* que se observa no DD – ou seja, encontrámos sensivelmente os mesmos sentidos nas ocorrências de IMP no DIL.

<sup>4</sup> Todas as indicações deste tipo – o formato de apresentação é: (nº pág., nº linha) – remetem para o texto da 2ª edição d' *O Primo Bazílio* publicado pela Editora «Livros do Brasil».

Em relação ao sentido de “futuridade” e ao sentido “enunciativo-modal de dúvida”, confirmámos a existência de relações de *paralelismo* com o comportamento no DD ora da forma de FUT (para os dois sentidos) ora da forma de PR (apenas para a configuração prospectiva).

Comparem-se, a título de exemplo, as seguintes passagens em DD: *Pois sim, amanhã veremos, amanhã falaremos.* (130, 16) e *Que teremos nós agora? Está com as cócegas!* (124, 17) com estas outras em DIL: *No domingo veria.* (131, 26) e *Quem seria?* (114, 26).

E confirmem-se também através de exemplos as referidas relações de *paralelismo* entre actualizações da mesma forma para *marcos enunciativos* distintos: *Eu nasci para homem! O que eu faria!* [DD] (167, 33); *Que faria com o dinheiro?* [DIL] (81, 2...).

vi. Resta-nos a forma de MQP, que é a segunda forma mais usada no DIL. Este primeiro indicador de *frequência* indicia a confirmação da ideia generalizada de que o MQP no DIL estará para o PRET no DD, assim como o IMP no DIL está para o PR no DD, ou, dito de outro modo, de que no DIL o MQP estará para o IMP assim como no DD o PRET está para o PR. E de facto (as expectativas confirmam-se), as duas formas, de MQP e PRET, asseguram – parcialmente, pelo menos – as mesmas *perspectivas* para *marcos referenciais enunciativos* distintos e hierarquizados. Isto é, o MQP assegura no DIL uma configuração “retrospectiva circunscrita” a partir de Me1.

Leiam-se a seguintes alternâncias entre citação em DD e citação em DIL: – *Que fizeste tu hoje, Bazilio? – perguntou Luiza.* [DD] // *Tinha ido aos touros.* [DIL] (92, 32-33); – *E tu, que fizeste hoje? – perguntou-lhe Bazilio.* [DD] // *Tinha-se aborrecido muito. Estivera todo o santo dia a ler.* [DIL] (93, 34-35); *Com que guarneceste tu aquele teu vestido de xadrezinho azul?* [DD] // *Tinha-o guarnecido de azul também, um azul mais escuro.* [DIL] (27, 10-12).

Para além deste sentido, que é comum às duas formas de MQP, este tempo assegura ainda, agora já só na sua forma composta, no DIL, uma configuração curiosa: a mesma que o *pretérito perfeito composto* assegura no DD para R0. Repare-se nas seguintes passagens: [...] *começou a queixar-se. Tinha estado adoentada, muito secada, com tonturas. O calor matava-a. E que tinha ela feito? Achava-a mais gorda.* (24, 22-23); *Sentou-se na cama. Uf! E então tinha estado toda a noite com uma sede!...* (73, 26).

No DD, o MQPs, como já referimos, apresenta *frequência* zero; a sua variante composta, pelo contrário, apresenta-se activa e assegura para além do sentido de “passado do passado” outros sentidos, tais como sentidos “hipotéticos” em “orações condicionadas” e sentidos modais de “atenuação das intenções do locutor”. Em qualquer um dos casos, podemos falar de um elevado grau de *dispensabilidade*, com mais razão nas configurações “enunciativo-modais” e “hipotéticas”.

## 5. Consideração final

De forma muito resumida, são estes os principais resultados obtidos no trabalho realizado. Tendo em consideração as limitações que o configuram, e os próprios objectivos traçados, as conclusões a tirar são ainda parcelares e, na sua fragilidade, correspondem sensivelmente a confirmações das “suspeitas” que serviram de orientação ao trabalho. Pensamos, no entanto, que há uma conclusão muito genérica mas basilar que vale a pena formalizar e que é a seguinte: a apresentação tradicional, veiculada sobretudo pelas gramáticas, do sistema de formas que constituem a “flexão temporo-modal” do verbo, com as suas exigências de perfeição, simetria e equilíbrio, esconde uma realidade viva e dinâmica, que, na sua funcionalidade, se revela economicamente desequilibrada, “maleável”, muito dependente das condições discursivas e que assenta a sua estrutura não só nas diferenças mas sobretudo nas múltiplas relações de proximidade que se estabelecem entre as formas. E o que nos propusemos fazer com o trabalho aqui apresentado foi, de certo modo, contribuir quer para uma revisão crítica das propostas tradicionais quer para a identificação dos instrumentos teórico-metodológicos adequados à descrição do funcionamento discursivo do sistema verbal.